



# Discurso, ciência e religião: formações imaginárias a partir da posição-sujeito de mulher religiosa na universidade

Dalexon Sérgio da Silva<sup>1</sup>  
Nadia Pereira da Silva G. Azevedo<sup>2</sup>

---

## RESUMO:

Nosso trabalho resulta da pesquisa de pós-doutorado do primeiro autor deste artigo, sob a supervisão da coautora deste trabalho. Promovemos uma análise do discurso mobilizado por duas alunas do curso de graduação em Pedagogia, evangélicas da Igreja Assembleia de Deus, para mostrarmos o funcionamento das formações imaginárias sobre Ciência/Universidade e Religião. Assim, por meio da Análise Materialista do Discurso, revisitamos os estudos de Pêcheux, na França, de Orlandi, no Brasil e demais estudiosos, objetivando analisar como a partir das formações imaginárias de mulher religiosa, as graduandas entrevistadas nos permitem observar, como resultado, que assim como nas formações discursivas, propostas por Pêcheux, as formações imaginárias também se mostram porosas, atravessadas por outras formações imaginárias.

---

## PALAVRAS-CHAVE:

Formações imaginárias;  
Discurso religioso;  
Posição-sujeito;  
Discurso;

---

<sup>1</sup> Pós-doutor e doutor em Ciências da Linguagem, pela Universidade Católica de Pernambuco, em programa de doutorado-sanduíche (PDSE – CAPES), na Universidade de Lisboa e Universidade Aberta de Lisboa – Portugal. E-mail: [dalexon@uol.com.br](mailto:dalexon@uol.com.br) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5977-361X>

<sup>2</sup> Doutora em Letras pela UFPB e professora do PPGCL da Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: [nadiaazevedo@gmail.com](mailto:nadiaazevedo@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6425-2846>

## 1 Considerações iniciais

Atualmente, a Igreja Assembleia de Deus é a maior igreja pentecostal no Brasil. Foi originada, com menos de vinte membros, em 18 de junho de 1911, em Belém do Pará, por uma divisão de um grupo dissidente da Igreja Batista, de Belém do Pará, em adesão à mensagem pentecostal pregada por dois missionários suecos: *Gunnar Vingren* e *Daniel Berg*. Hoje, segundo o censo brasileiro de 2010, esta igreja encontra-se presente em todo o território brasileiro, com 12.314.410 membros. A tese de Silva (2019) também nos fez observar que a Assembleia de Deus se presentifica em Portugal, mas ela também se faz presente noutros países, com diversas ramificações em ministérios. Por sua expressiva representatividade social, com sujeitos inseridos, em importantes segmentos destes países, é importante analisá-la, academicamente, na produção do seu objeto simbólico, o discurso assembleiano.

Nesse direcionamento, contemplamos neste trabalho projeções e funcionamentos sobre o discurso científico (universidade) e o discurso religioso (Assembleia de Deus – Bíblia - Deus), que se tornam necessários ao debate acadêmico, em nível de graduação e de pós-graduação, como principalmente, nas disciplinas de Análise do Discurso. Dessa forma, evidenciamos principal questão a ser respondida neste trabalho, o funcionamento das formações imaginárias em duas alunas do curso de graduação em pedagogia, a partir da posição-sujeito de mulher religiosa na universidade, sendo uma aluna membro da Igreja Evangélica Assembleia de Deus da Convenção Recife – PE e a outra aluna membro da Igreja Evangélica Assembleia de Deus da Convenção Abreu e Lima – PE. Assim, buscaremos observar se a formação discursiva acadêmica, na qual as alunas graduandas entrevistadas se encontram, sofre, por meio das formações imaginárias, o domínio da formação discursiva religiosa.

É importante analisarmos o modo como o discurso desses dois sujeitos do sexo feminino funciona, pois para a Análise do Discurso de linha francesa, teoria e procedimento analítico presente neste trabalho, o foco é analisar como o discurso funciona, por meio das marcas da historicidade presentes nele, pelo atuar da ideologia na exterioridade que é constitutiva de todo o enunciar, de todo o dizer. Desse modo, não nos interessa observar num texto o que o autor quis dizer, como vemos, noutras teorias da Linguística, por exemplo, na Linguística Textual ou na Análise da Conversação. Nesse ponto, para que possamos mostrar o funcionamento das formações imaginárias sobre *Ciência/Universidade* e *Religião/Assembleia de Deus*, mobilizamos as seguintes questões que impulsionam nossa pesquisa: i) como a memória discursiva (interdiscurso) funciona no discurso dessas graduandas entrevistadas? ii) como se apresentam as formações imaginárias

acerca da Ciência/Universidade e da Religião no discurso desses sujeitos entrevistados?

Para respondermos a tais questionamentos, mobilizaremos as concepções de formações imaginárias, posição-sujeito, discurso, ideologia e memória discursiva (interdiscurso). Nessa diretriz, organizamos este artigo de forma a apresentar o trabalho ao leitor, nas considerações iniciais, justificando-o e marcando problematizações e objetivos. No item dois, pretendemos situar algumas considerações teóricas acerca da Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Brasil. No item três, apresentaremos a teoria e método da AD, suporte deste trabalho. Em seguida, pretendemos evidenciar o percurso metodológico do estudo, para, finalmente, no item cinco, trazermos à discussão o *corpus* discursivo dos sujeitos, focando no aspecto principal, que é o funcionamento das formações imaginárias. Por último, haverá o fechamento do trabalho, com as considerações finais. Salientamos que ao analisarmos o discurso de membros da Igreja Evangélica Assembleia de Deus (Convenção Recife e Abreu e Lima), não pretendemos falar de crenças ou descrenças, nem de valores morais ou espirituais, mas de um objeto de conhecimento, conceituado na AD como o funcionamento das formações imaginárias, desenvolvido por Pêcheux (1990).

## 1. A Igreja Evangélica Assembleia de Deus e suas marcas historicizadas no Brasil

Neste campo, a partir dos nossos estudos já iniciados na dissertação de mestrado, Silva (2012), aprofundados na tese de doutorado, Silva (2019) e continuados aqui, sobre a Igreja Evangélica Assembleia de Deus, propomos apresentar ao leitor as mudanças de sentidos ocorridas na historicidade assembleiana, apresentando a nossa proposta de divisão do discurso assembleiano em três épocas: **1ª Época: Discurso fundador**<sup>3</sup> (por ser o momento fundante em cada território brasileiro aonde chega. É fundador não apenas por ele ser a origem, mas, principalmente, porque os posteriores estudiosos do discurso assembleiano sempre fazem referências a ele, ao mito fundante da igreja, a esse momento sócio-histórico, retomando-o) - 1911 – 1930. **2ª Época: Discurso institucional-denominacional** (por ser

---

<sup>3</sup> Esclarecemos que pelo viés da perspectiva teórica e analítica da Análise do Discurso de linha francesa, baseados nos estudos de Pêcheux, retomados no Brasil, principalmente, por Orlandi, tomamos por empréstimo o termo *discurso fundador*, não necessariamente por vir primeiro, mas principalmente por ser um discurso frequentemente retomado por diversos estudiosos do pentecostalismo, pelas sempre constantes referências feitas a esse momento discursivo sócio-histórico das Assembleias de Deus no Brasil.

o momento da igreja estruturada como uma instituição, denominacionalmente - 1930 – 1989 e **3ª Época: Discurso heterogêneo à deriva** (por ser o momento no qual há várias ramificações das Assembleias de Deus e o surgimento de novas igrejas sem se saber para onde vão as Assembleias de Deus após a criação. Primeiro, da Convenção Madureira (CONAMAD), em 1988 e o seu rompimento da CGADB em 1989 e depois da Convenção das Assembleias de Deus no Brasil (CADB), criada em 05 de dezembro de 2017, daí em diante).

A primeira época do embrionamento do discurso assembleiano no Brasil se dá, com a chegada do navio *Clement*, que traz os missionários Gunnar Vingren e Daniel Berg, ao porto de Belém, em 19 de novembro de 1910. Belém vivenciava duas grandes realidades sociais, pois o luxo e a pobreza eram características díspares bem presentes e fortes entre sua população. Neste período sócio-histórico, os efeitos de sentido no *discurso fundador assembleiano* trazidos pelos missionários Gunnar Vingren e Daniel Berg apresentaram-se, constituídos, principalmente, pela literalidade. Em seus estudos, Alencar (2010, p. 49) diz que nesta época havia a “interpretação teológica literal das escrituras”. Logo, é uma marca presente neste discurso fundador a compreensão do sentido literal da Bíblia, por isso, o que está escrito na Bíblia deve ser seguido e cumprido conforme o que está escrito. Assim, por exemplo, se na Bíblia diz no livro de Atos 2 que há *Línguas de Fogo*, todos os crentes precisam falar *Línguas de Fogo*, em obediência ao que está dito.

Deste modo, podemos compreender que advém desta época a necessidade que muitos crentes assembleianos têm de, ao dialogar com seu interlocutor, procurar sempre trazer ao seu discurso de forma literal, os textos bíblicos como reforço de verdade para fundamentar o que eles dizem no diálogo. Assim, a literalidade do texto bíblico se presentifica no discurso assembleiano, para assegurar a fidelidade àquilo que entendem ser a vontade de Deus. Embora se possa observar que há pastores e ministros que trazem o texto em suas pregações e procurem trazer à comunidade assembleiana possíveis aplicações desses textos, para muitos assembleianos, a literalidade do texto bíblico e do testemunho ali relatado é visto como fato e não como sendo uma interpretação. E nessa conjuntura social, as Assembleias de Deus se constituem de pessoas que viviam à margem da sociedade e que passam a promover a sua expansão territorial:

assim, a Assembleia de Deus (inicialmente Missão da Fé Apostólica) nasce em um grupo protestante composto majoritariamente por estrangeiros residentes em um bairro de destaque na Belém dos anos 1910. No entanto, em poucos meses se encontraria com o grupo que permitiria sua expansão inicial para além do estado do Pará: o grupo dos migrantes seringueiros, oriundos principalmente do catolicismo popular. Tais migrantes ex-católicos

impulsionados pela crise da borracha acabaram levando as ADs <sup>4</sup>para outros estados do Norte e Nordeste, consolidando um modelo comum de estabelecimento das ADs em suas primeiras décadas: a criação por parte dos leigos de núcleos que posteriormente se transformariam em igrejas, que apenas depois de estabelecidas receberiam obreiros devidamente ordenados. Tal modelo também permitiu a expansão da Igreja nas regiões Sul e Sudeste, sob o fluxo migratório da industrialização a partir das décadas de 1940 e 50, quando as ADs experimentaram seu maior período de crescimento (FAJARDO, 2017, p. 118).

Sendo assim, a Assembleia de Deus surge e é vista por muito tempo, como uma igreja marginal. Isto é, uma igreja composta por pessoas que estão à margem da sociedade, na marginalidade da pobreza, do não-acesso à educação enciclopédica, de pessoas com subempregos e baixa escolaridade. Outro ponto a dizermos é que até a primeira metade de 1930, ainda havia nas Assembleias de Deus uma ideia de unidade, todas as Igrejas eram da *Missão* sob a liderança sueca e, logo após, pela liderança brasileira, cujo *discurso fundante assembleiano* imperava, constituído, principalmente, pelo *Mito Fundante*, a crença na profecia divina que fez dar vida às Assembleias de Deus.

Na segunda época das Assembleias de Deus no Brasil, constituída pelo *discurso institucional-denominacional*, quando as Assembleias de Deus já assumem um caráter realmente institucional consolidado, como defende Alencar (2010), começa a se estruturar a semente do divisionismo, mas em pequenas proporções, que não chegam a caracterizar um forte impacto nas estruturas da igreja, pois ainda se consegue visualizar um padrão em seu discurso. Mas é nesta segunda época, que o divisionismo começa a se fazer presente de forma acintosa. Com a criação dos ministérios na intenção, segundo os seus idealizadores, de favorecer a unidade nas igrejas, promoveu-se, de fato, o brotar da semente do divisionismo dentro dos ministérios. Assim:

a criação dos ministérios segundo os seus idealizadores imaginada com a ideia de unidade. O que era para funcionar como ponto de união passou a ser identificado como ponto de tensão. Os dirigentes organizadores das convenções buscavam estratégias coerentes e pacificadoras de unidade entre elas, mas, mesmo assim, não conseguiram eliminar os conflitos ao longo dos anos. Com isso, aumentava cada vez mais o processo de cisão dentro das ADs em muitas regiões do Brasil (CORREA, 2013, P. 150).

Os conflitos entre as lideranças nos ministérios não foram bem resolvidos nas reuniões da Convenção Geral das Assembleias de Deus – CGADB. Pelo contrário, a CGADB e a criação dos ministérios parecem ter fornecido um ambiente propício para as cisões assembleianas e é justamente a terceira época das Assembleias de Deus no

---

<sup>4</sup> Assembleias de Deus

Brasil, que é marcada pela forte presença dessas divisões em busca do poder nas igrejas, favorecendo várias ramificações assembleianas. A terceira época das Assembleias de Deus no Brasil tem início em 1989 com a primeira grande cisão entre as Assembleias de Deus do Ministério Madureira e o rompimento com a CGADB, com a criação de uma nova convenção nacional chamada CONAMAD. A partir desse momento, a Assembleia de Deus se expandiu bem mais em diversos ministérios, por exemplo, em nossa pesquisa, a Convenção Recife e a Convenção Abreu e Lima.

## **2. Discurso, formações imaginárias, posição-sujeito, ideologia e memória discursiva (interdiscurso), pelo viés da Análise Materialista do Discurso de vertente pecheuxtiana**

Neste momento, apresentaremos ao leitor algumas concepções teóricas e analíticas da Análise Materialista do Discurso. Tais concepções operatórias estarão presentes nas análises do *corpus* discursivo presente neste trabalho.

De acordo com Orlandi (2009a, p.39), o discurso se constitui a partir de determinadas condições de produção, que funcionam a partir de alguns fatores, sendo um desses fatores, a relação de sentidos. Dito de outro modo, os sentidos resultam de relações, pois um discurso aponta para outros que o sustentam. Nesse caso, o discurso é visto como um processo discursivo amplo, não existe começo, nem ponto final para o discurso, já que ele sempre terá relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis. E é desse modo que Pêcheux postula, em seu trabalho, a Análise Automática do Discurso (AAD-69), a conceituação de discurso como “efeitos de sentidos entre os pontos A e B” e não transmissão de informação (PECHÊUX, 1990, p. 82).

Segundo Orlandi (2009) e Brandão (2004), na mobilização do discurso, as imagens que um locutor projeta do outro, constituem o processo de elaboração discursiva, pois se remetem a mecanismos de funcionamento da linguagem. Isto é, as relações de sentido, as relações de força e de antecipação condicionadas pelas formações imaginárias:

no discurso, as relações entre esses lugares, objetivamente definíveis acham-se representadas por uma série de “formações imaginárias” que designam o lugar que destinador e destinatário atribuem a si mesmo e ao outro a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro (BRANDÃO, 2004, p.44).

Do exposto, como compreendem Orlandi (2009) e Brandão (2004), no mecanismo da antecipação, o sujeito coloca-se no lugar do destinatário e, dessa maneira, o sujeito representa, em suas formações imaginárias, o outro, prevendo o

efeito de suas palavras. E é desse modo que o locutor regula seu discurso conforme os efeitos que espera reproduzir no interlocutor. Nesse ponto, na relação de forças, o sentido das palavras é regulado de acordo com o lugar social ocupado pelo sujeito-falante. Assim, para Pêcheux (1990), num discurso estão presentes um ponto A e B, que se encontram em lugares determinados na estrutura de uma formação social. Esses lugares se acham não apenas representados nos processos discursivos, mas transformados. E é nessa compreensão que um discurso não se caracteriza necessariamente numa mera troca de informações entre A e B, mas sim, num jogo de “efeitos de sentido” entre os participantes. Logo, B não representa um destinatário, posto que esses papéis são atribuídos mutuamente a um e a outro. Nessa diretriz, os sentidos são produzidos por um dado imaginário, sempre social, como resultado das relações de luta de classes entre poder e sentidos. Logo, a ideologia é a responsável por produzir nos efeitos de sentido constituído, a ilusão de um sentido único, literal.

É nessa relação de interlocução que as formações imaginárias envolvem o discurso mobilizado pelos sujeitos através da “imagem que o sujeito faz dele mesmo, a imagem que ele faz de seu interlocutor, a imagem que ele faz do objeto do discurso (...). Ainda há a imagem que o interlocutor tem de si mesmo, de quem lhe fala, e do objeto do discurso”. Desse modo:

O que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. Se assim ocorre, existem nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção, que estabelecem as relações entre as situações (objetivamente definíveis) e as posições (representações dessas situações). Acrescentamos que é bastante provável que esta correspondência não seja biunívoca, de modo que diferenças de situação podem corresponder a uma mesma posição e uma situação pode ser representada como várias posições, e isto não ao acaso PÊCHEUX (1990, p. 81).

Em vista disso, os mecanismos presentes nas formações imaginárias produzem imagens dos sujeitos, bem como do objeto do discurso, dentro de uma conjuntura sócio-histórica, resultando na imagem da posição-sujeito locutor (quem sou eu para lhe falar assim?) e na imagem da posição sujeito-interlocutor. Sendo assim:

O imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. Ele é eficaz. Ele não “brota” do nada: assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa, por relações de poder. A imagem que temos de um professor, por exemplo, não cai do céu. Ela se constitui nesse confronto simbólico com o político, em processos que ligam discursos e instituições (ORLANDI, 2009, p.42).

Portanto, é no gesto de interpretação do analista de discurso que se torna possível atravessar esse imaginário que condiciona o sujeito em suas discursividade

para entendermos o modo como os sentidos estão sendo produzidos. Segundo Pêcheux (2014 p. 147), todo esse processo se dá a partir da inscrição do sujeito numa formação discursiva, [...] “que, em uma formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e o que deve ser dito” [...]. E é desse modo que o sujeito está sempre interpretando e, ao interpretar, produz sentidos, estando identificado à formação discursiva a partir da posição-sujeito que enuncia, atravessado pela(s) ideologia(s). Dessa maneira, entendemos que a ideologia são as relações imaginárias do sujeito com as suas condições reais de existência.

A memória discursiva também é outra importante concepção operatória neste trabalho. Pêcheux destaca que: a memória seria aquilo que, “face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 2010, p.52). Em virtude disso, a memória do dizer possibilita a materialização de discursos que se processam mediante o contexto sócio-histórico em que os sujeitos estão inscritos, com isso, para Pêcheux (2010, 1984), todo discurso se constitui a partir de uma memória e do esquecimento de outro.

### 3. Aspectos metodológicos

É propósito nosso, neste campo, expormos os procedimentos metodológicos que propiciaram o passo a passo para o adequado seguimento desta pesquisa. De início, relembramos que este trabalho se desenvolve em continuidade, a partir do resultado da nossa dissertação de mestrado, Silva (2012) e da nossa tese de doutorado Silva (2019), na qual estudamos o funcionamento do discurso pentecostal assembleiano e a inscrição de crentes à Formação discursiva precursora de crença assembleiano, numa historicização da igreja ao longo dos anos em ramificações.

O universo da pesquisa foi constituído por dois sujeitos que possuem as seguintes variantes: são do sexo feminino, ambas são membros da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, sendo uma da Convenção Recife-PE e a outra da Convenção Abreu e Lima – PE, ambas são alunas do curso de graduação em Pedagogia, sendo uma aluna da Universidade Federal de Pernambuco e a outra da Universidade de Pernambuco, uma tem 24 anos e a outra tem 25, sendo uma solteira e a outra casada. Para a efetivação da pesquisa, no processo de constituição do *corpus*, no que se refere à modalidade técnica, a opção foi por entrevistas semiestruturadas aos dois sujeitos envolvidos nesta pesquisa. As entrevistas foram gravadas com um celular, na



residência das alunas entrevistadas, por escolha delas, mantendo todos os protocolos de segurança contra a propagação da COVID-19. Depois, as entrevistas foram transcritas numa folha de papel e digitadas, para serem analisadas à luz da teoria e método da AD, conforme já apontamos neste trabalho. Também estabelecemos um diálogo com as Ciências da Religião, no ponto de encontro que versa sobre a historicização da Igreja Evangélica Assembleia de Deus.

Por questões éticas, não exporemos a identidade das alunas entrevistadas, e sim, o fenômeno pesquisado, que é o funcionamento das formações imaginárias a partir da posição-sujeito de mulher religiosa na universidade. Assim, cognominaremos os sujeitos da pesquisa como: *Crente assembleiana 1* e *Crente assembleiana 2*. É importante pontuar que as duas alunas envolvidas responderam, espontaneamente, a um roteiro de entrevista com as seguintes perguntas: 1. Há quanto tempo você frequenta esta religião e como se deu o seu ingresso a ela? 2. Para você o que significa ser desta religião? 3. Você discorda de algo que aprendeu na universidade por causa das crenças em sua religião? Se sim ou não, por quê? 4. O que a universidade e a sua religião significam para você? 5. O que significa para você ser uma mulher religiosa na universidade?

Ainda se torna importante ressaltar que por ser uma pesquisa que envolve seres humanos, a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética da Universidade Católica de Pernambuco e foi aprovada, sob o número de Parecer 4.371.910.

#### **4. Trabalho analítico num corpus discursivo**

Neste campo, baseados no que já apresentamos sobre as marcas historicizadas de como os sentidos foram sendo produzidos e (re)atualizados na Assembleia de Deus e ancorados nas concepções teóricas e analíticas da AD, propomos mostrar a determinação/projeção do lugar do outro (universidade/conhecimento científico, professores) a partir do lugar do “eu” (posição mulher religiosa/evangélica assembleiana).

Para que seja possível analisarmos o *corpus* discursivo, faremos recortes dos enunciados das duas alunas entrevistadas. De acordo com Orlandi (1987, p. 139/140), “O recorte é uma unidade discursiva: fragmento correlacionado de linguagem – e – situação (...) os recortes são feitos na (e pela) situação de interlocução, aí compreendido um espaço menos imediato, mas também de interlocução, que é o da ideologia”. Assim, seguem os recortes discursivos analisados.

##### **Recorte 1 - Crente assembleiana 1**

Eu nasci dentro da Assembleia de Deus. Meu pai é diácono e minha mãe é professora da escola dominical da igreja. E foi na Assembleia de Deus que eu aprendi a usar a minha fé. Deus tudo pode e faz o crente vencer, ouviu? E foi essa fé em Deus que me fez ser aprovada na universidade, no curso de Pedagogia da UFPE.

## Recorte 2 - Crente assembleiana 2

Eu frequento a Assembleia de Deus há cinco anos. No mesmo período que entrei na universidade. Eu estava doente e o povo do bairro dizia que os irmãos oravam e Deus curava. Então, eu fui à igreja para eles orarem por mim. Eles oraram, eu fui curada e aceitei a Jesus. Então, eu comecei fazer parte da igreja Assembleia de Deus. Neste mesmo período, Deus já me abençoou também fazendo eu passar na universidade, na UPE

No recorte discursivo 1 – Crente assembleiana 1, vemos como as formações imaginárias já vão se mostrando a partir da inscrição à formação discursiva de crente assembleiana, que se dá desde o nascimento dela, num ambiente no qual nas condições de produção do discurso assembleiano presentificam o discurso institucional da igreja ao dizer: “Eu nasci dentro da Assembleia de Deus. Meu pai é diácono e minha mãe é professora da escola dominical”. À vista disso, podemos compreender o funcionamento da memória discursiva ao acontecimento discursivo, que envolve a instituição religiosa Assembleia de Deus e seus dogmas, as crenças propostas pela igreja, pois a memória discursiva que circula nos aponta que, embora Crente assembleiana 1 não diga na superfície linguística em sua entrevista, há um ritual religioso assembleiano no qual os diáconos são consagrados<sup>5</sup> na igreja, bem como os professores da escola dominical. É nesse ponto nodal que, ao postular a concepção teórica e metodológica sobre memória discursiva como um saber discursivo, Pêcheux (1999) nos diz que alguma coisa fala sempre antes em algum lugar independente e diferentemente.

Portanto, crentes são consagradas em diáconos, presbíteros e professores da escola dominical, dentre outras posições, pela autoridade da igreja para reproduzirem os ensinamentos bíblicos com dogmas da igreja Assembleia de Deus. É desse modo que crente *assembleiana 1* teve contato com as projeções imaginárias que seus pais lhe antecipam sobre a igreja. É nesse aspecto que Indursky (2007)

<sup>5</sup> investir(-se) de caráter ou funções sagradas. Ser nomeado para assumir um cargo na igreja, por exemplo, o cargo de diácono ou presbítero mediante um ritual sagrado.

aponta que a identificação do sujeito se forma ao longo do tempo, por meio de processos inconscientes.

Tais processos inconscientes levam *Crente assembleiana 1* a enunciar: “E foi na Assembleia de Deus que eu aprendi a usar a minha fé”. Esse recorte discursivo mostra como o discurso mobilizado por *Crente assembleiana 1* se relaciona com o discurso divino e institucional da igreja. Afinal, segundo ela, foi a igreja quem a ensinou a usar a fé, relatada na Bíblia. Assim, o discurso divino já se manifesta controlando o discurso produzido por *Crente assembleiana 1*, assujeitando-a na posição-sujeito de crente assembleiana. E é pelo viés das formações imaginárias que *Crente assembleiana 1* mobiliza o mecanismo da antecipação e faz circular para o seu ouvinte, representações de Deus, pois de acordo com Orlandi (2009), no mecanismo da antecipação, o sujeito coloca-se no lugar do destinatário e, dessa maneira, pode prever o efeito de suas palavras. Logo, a posição social ocupada pelo sujeito falante é inerente ao seu dizer. Nesse direcionamento, *Crente assembleiana 1* diz: “Deus tudo pode e faz o crente vencer, ouviu?”, projetando, desse modo, tocada pelo simbólico, o lugar de Deus como o Todo-poderoso, o Outro da ideologia cristã (O Grande Outro). Logo, Deus aparece em seu dizer como aquele que faz o crente vencer.

Nesse ponto, o que buscamos compreender pelo viés da Análise Materialista do Discurso de vertente pecheuxtiana é como se produz o trabalho simbólico e ideológico na língua, fazendo com que nela se produzam sentidos. Por esse motivo, para Orlandi (2009, 2004), o discurso é entendido como um objeto sócio-histórico, em que o linguístico intervém como pressuposto, que aponta para a exterioridade constitutiva. Assim, entendemos o porquê de ao enunciar que Deus é aquele que faz o crente vencer, *Crente assembleiana 1* se posiciona fazendo uso do termo linguístico “ouviu?”. Tal interrogação não traz em si sentidos colados ao termo, mas aponta para a exterioridade constitutiva em todo o dizer, para já-ditos, para memórias que trazem formações imaginárias sobre quem é Deus para uma crente assembleiana.

Dito de outro modo, no não-dito, podemos entender que o que *Crente assembleiana* nos diz é: você já deve ter ouvido na memória do dizer quais são os sentidos e saberes possíveis sobre Deus para nós, assembleianos. Aqui, marcado como o Todo-poderoso Deus, que faz o crente assembleiano vencer.

É interessante mostrarmos como por meio do funcionamento das formações imaginárias de quem é a igreja e de quem é o outro (universidade, conhecimento científico e Deus), que o discurso mobilizado por *Crente assembleiana 1* se relaciona com o discurso divino. Isto é, como esse discurso divino controla os demais discursos, pelo funcionamento das relações imaginárias do sujeito com as suas condições reais de existência, assujeitando-o na posição-sujeito de crente assembleiana, ao enunciar:

“E foi essa fé em Deus que me fez ser aprovada na universidade, no curso de Pedagogia da UFPE”.

Do exposto, vemos em *Crete assembleiana 1*, a problemática da nossa pesquisa *Discurso, ciência e religião: formações imaginárias a partir da posição-sujeito de mulher religiosa na universidade*. Dizemos isso, pois a projeção que *Crete Assembleia 1* faz do outro (Deus/universidade/conhecimento científico), a leva à formulação da sentença que produz sentidos que dizem que foi Deus quem a fez ser aprovada na seleção do curso de Pedagogia na Universidade Federal de Pernambuco.

Logo, conforme Orlandi (2017), é através do sentido do discurso que sua inscrição na história se realiza, pois, a historicidade nos concede pistas para entendermos a constituição ideológica do sujeito e das palavras, seus atos, suas ações, e seu ideal de luta, que muito contribui para a compreensão dos objetos simbólicos ao produzirem sentido. Sendo a língua ideológica, logo temos um sujeito ideológico – “eu” – que dialoga com outro sujeito – “tu”; então ideologia e história são as propriedades que atuam com o real do discurso, permitindo que se trabalhe a interpretação para entender o que se passa nele. Nesse ponto, ter nascido na Assembleia de Deus, ter convivência com seus pais que são representantes oficiais da igreja, como diácono e professora da escola dominical, ter tido já-ditos sobre a igreja, dentre outros acontecimentos, favoreceu a *Crete assembleiana 1*, de modo inconsciente, a produção de sentidos possíveis que aponta Deus como o responsável pelo seu ingresso na universidade. É interessante observamos que há um silenciamento de outros saberes que indicam, por exemplo, que *Crete assembleiana 1* tenha estudado muito para ser aprovada no curso de Pedagogia.

Nesse ponto, podemos perceber que determinados saberes são movidos por uns e silenciados por outros. Isso se dá, porque de acordo com Orlandi (2007, p. 73), “ao dizer algo, apagamos necessariamente outros sentidos possíveis”, pois, “todo dizer apaga necessariamente outras palavras produzindo um silêncio sobre os outros sentidos”. Nessa diretriz, já vemos que, no discurso mobilizado por *Crete assembleiana 1*, o conhecimento científico necessário para ser aprovada no curso de Pedagogia é silenciado, bem como a compreensão da universidade como um local que exige disciplinas e estudos para ingressar nela. Isso ocorre no imaginário que atravessa *Crete assembleiana 1*, em detrimento da ordem espiritual na qual se encontra a sua fé em Deus, que, segundo ela, a fez ser aprovada, conforme podemos observar quando ela enuncia: “E foi essa fé em Deus que me fez ser aprovada na universidade, no curso de Pedagogia da UFPE”.

Retomando Orlandi (2009), observamos que os diferentes sentidos encontrados em diferentes enunciados, por exemplo, ter sido aprovada na universidade, remetem às memórias e às circunstâncias externas, mostrando que o

sentido não está apenas nas palavras e no texto propriamente dito, mas na tensão das relações de forças, pois os dizeres não são apenas mensagens a serem decodificadas. Desse modo, *Crente assembleiana 1* marca a presença da exterioridade, não-dita, mas que é constitutiva em todo o dizer, pois aponta para a assimetria existente entre a superioridade do plano divino (fé em Deus) em relação ao plano terreno (ser aprovada numa universidade) (ORLANDI, 1987).

De modo semelhante ao exposto por *Crente assembleiana 1*, podemos analisar também no enunciado mobilizado por *Crente assembleiana 2*, a seguinte afirmação: “Eu estava doente e o povo do bairro dizia que os irmãos oravam e Deus curava. Então, eu fui à igreja para eles orarem por mim. Eles oraram, eu fui curada e aceitei a Jesus”. Ao falar sobre o ritual de interpelação que a levou a se inscrever à formação discursiva assembleiana e a ocupar a posição-sujeito de *crente assembleiana*, a aluna entrevistada, *Crente assembleiana 2*, demonstra a crença na superioridade do plano divino naturalizada pela ideologia evangélica assembleiana, que marca o lugar de obediência a Deus (ficar curada ao aceitar a oração dos irmãos). Desse modo, é a ideologia presente nas formações imaginárias mostradas no discurso das alunas entrevistadas aqui, que designa os lugares atribuídos a Deus, a si e aos outros sujeitos, que constituem as condições de produção dos enunciados, que apontam para a superioridade do plano divino (aquele que cura e que faz ser aprovado na universidade).

É interessante analisar que *Crente assembleiana 2* nos mostra que havia projeções em sua conjuntura social que apontavam para ela imagens do *crente assembleiano*, pois “o povo do bairro dizia que os irmãos oravam e Deus curava”. Logo, ela já se identifica com a Assembleia de Deus por meio das formações imaginárias acerca da posição-sujeito *crente assembleiano*. Assim, de acordo com Pêcheux (1999), o mecanismo imaginário acessa sentidos já-dados em discursos anteriores, produzindo imagens dos sujeitos, assim como do objeto do discurso, dentro de uma conjuntura sócio-histórica.

Outro ponto fundamental de ser analisado aqui, é como ocorre, no discurso mobilizado por *Crente assembleiana 2*, a determinação/projeção do lugar do outro (universidade/conhecimento científico) a partir do lugar do “eu” (posição mulher religiosa/evangélica assembleiana), pois ao enunciar: “Neste mesmo período, Deus já me abençoou também fazendo eu passar na universidade, na UPE”, *Crente assembleiana 2* demonstra mobilizar seu discurso atravessada pelo imaginário de que a sua aprovação na universidade se deu por uma bênção de Deus alcançada.

Assim como vimos no discurso produzido por *Crente assembleiana 1*, podemos observar também em *Crente assembleiana 2*, a ausência de sentidos e saberes que apontem pro conhecimento científico, por exemplo, dizerem que

passaram na seleção do curso de Pedagogia por terem domínio de teorias ou por muito tempo dedicado aos estudos, mas sim, por Deus ter abençoado ou Deus tê-la feito ser aprovada.

Agora, para que percebamos melhor como se dá o funcionamento das formações imaginárias a partir da posição-sujeito de mulher religiosa na universidade, os próximos recortes dos enunciados produzidos pelas entrevistadas aparecerão nos seguintes quadros:

### Recortes 3 - Crente assembleiana 1

- [...] A universidade é um lugar que tenta negar muitas coisas da Bíblia.
- Eu sei que se a gente não tiver cuidado, a universidade mata a fé do crente pelo conhecimento, viu?
- Eu discordo de coisas da universidade, pois a universidade é um lugar que tenta negar muitas coisas da Bíblia.
- A universidade é boa, pois ensina uma profissão, mas o conhecimento na universidade pode afastar o crente dos caminhos de Deus
- Eu preciso ser diferente na universidade para mostrar Jesus aos professores ateus. tem umas Jezabel e uns Nabucodonosor.
- Eu preciso ter sabedoria para ser uma Débora na universidade.
- Sou aluna da universidade, mas em primeiro lugar sou serva de Deus.

### Recortes 4 - Crente assembleiana 2

- A universidade só existe, porque Deus deu sabedoria aos homens para criá-la.
- Na universidade, a tentação é muito grande, viu?
- É um lugar onde tudo pode, então temos que ter cuidado para não pecar.
- Tem que ter cuidado com o conhecimento na universidade.
- A letra na universidade pode matar a vida espiritual do crente.
- Os professores são incrédulos. Um monte de terra seca que deboçam de Deus.
- Eu devo ser uma Débora na universidade, uma Ana, que dê testemunho de Deus

É interessante analisarmos como as alunas entrevistadas se posicionam como mulheres religiosas evangélicas na universidade, interpeladas em crenças assembleianas e de que modo, numa injunção à interpretação, afetadas por essa

ideologia religiosa, elas se veem como sujeitos que ocupam uma posição na universidade. Assim, tanto nos recortes 3 - Crente assembleiana 1, quanto nos recortes 4 - Crente assembleiana 2 nos é mostrada a ênfase na voz de Deus, que marca a mobilização dos seus enunciados. Dessa forma, recorrem à exterioridade, a algo dito noutra lugar, acerca de quem é Deus, pois há uma memória na historicidade de quem é Deus para os cristãos, para os assembleianos. O dito, colocado contra o não-dito, revela o que não aparece explicitamente, mas está presente na exterioridade, no já-dito (ORLANDI, 2007, 2009, 2017).

A partir das respostas e dos estudos de Pêcheux (1990), podemos analisar, exemplificando com os seguintes funcionamentos das formações imaginárias: [A] para [A] - imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A. Quem sou eu para lhe falar assim? tanto nos recortes 3 - Crente assembleiana 1, quanto nos recortes 4 - Crente assembleiana 2, vemos imperar a formação discursiva assembleiana, na posição-sujeito de mulher religiosa na universidade. Desse modo, mesmo ocupando também a posição-sujeito de graduanda, aluna em Pedagogia, a análise dos recortes discursivos nos permite observar que as formações imaginárias sobre quem ela deve ser na universidade (Quem sou eu para lhe falar assim?) favorecem o silenciamento ou menor valorização de sentidos e saberes provenientes da formação discursiva de aluna, graduanda. Na prática, Crente assembleiana 1 e Crente assembleiana 2 posicionam-se ao enunciar: “Eu preciso ter sabedoria para ser uma Débora na universidade”, “Sou aluna da universidade, mas em primeiro lugar sou serva de Deus”. “Eu preciso ser diferente na universidade”, “Eu devo ser uma Débora na universidade, uma Ana, que dê testemunho de Deus”.

Quem são elas então, para falar/imaginar assim? São crentes assembleianas que numa relação interdiscursiva bíblica se sentem autorizadas a enunciar em nome de Deus sobre a universidade. É possível analisarmos, tanto no enunciado proposto por Crente assembleiana 1 quanto por Crente assembleiana 2, que o interdiscurso bíblico retomado, reconstrói o já-dito e nele se inscreve um novo dizer, um outro acontecimento discursivo a partir da memória discursiva de quem são os personagens bíblicos Débora e Ana e o que representam na memória do dizer. Nesse sentido, de acordo com a Bíblia, livro seguido como regra de fé e prática pelos assembleianos, no livro de Juízes 4:4-5, Débora foi uma juíza e profetisa de Israel, que liderou o povo na guerra contra o rei de Canaã. Ela convocou o povo para a batalha e profetizou sua vitória sobre um exército muito grande, por tal motivo, dentre outros, Débora se tornou conhecida e admirada por sua sabedoria ao se mostrar temente a Deus. Ana, também, era uma mulher virtuosa, de oração a Deus, assim, certo dia, ela orou tanto a Deus que foi tida como embriagada pelo profeta Eli, porque ela orava muito concentrada e com toda a intensidade de sua alma, de modo que só os seus

lábios se mexiam. Ao perceber sua contrição a Deus, o profeta lhe concedeu o desejo de sua oração e lhe abriu a madre para que ela tivesse um filho, chamado Samuel (1 Sm 1). Vemos nesse funcionar, conforme consta na parte teórica deste trabalho, uma marca presente do discurso fundador das Assembleias de Deus, que é a compreensão do sentido literal da Bíblia. Assim, aquilo que está escrito na Bíblia deve ser seguido e cumprido, embora entendamos pelo viés da AD, que não é possível, pois há um deslocamento de formações discursivas de personagens da antiguidade narrada na Bíblia para a de duas crentes assembleianas que moram em Pernambuco, no ano de 2022.

Desse modo, o trajeto do sentido que o discurso mobilizado por Crente assembleiana 1 e Crente assembleiana 2 assume, só poderá ser reconhecido e interpretado quando se desvendar os sentidos exteriores ao texto, recuperando lhe a historicidade, pois, de acordo com Pêcheux (1999), é a memória discursiva que torna possível a toda formação discursiva fazer circular formulações anteriores, já enunciadas. A memória discursiva diz respeito à recorrência de enunciados no discurso, ela separa e elege, dentre os elementos de uma determinada contingência histórica, aquilo que deve ser rejeitado e o que pode emergir e ser realizado num novo contexto, produzindo determinados efeitos. Conseqüentemente, as alunas entrevistadas se identificam às formações discursivas e posições-sujeitos de personagens bíblicos, por meio do imaginário, como forma dominante à posição de graduandas, alunas, pois enunciam a partir dessas identificações que caracterizam a posição-sujeito de mulher religiosa assembleiana. É por tais motivos que precisam ser diferentes (das outras pessoas não-assembleianas) e ter sabedoria (manter a identificação à Bíblia, a Deus, à religião). Uma identificação à formação discursiva desses personagens bíblicos, de serem mostrados na Bíblia, como crentes de orações e jejuns, sábios e tementes a Deus.

Agora, vamos analisar [A] para [B]: Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A - Quem é ele para que eu lhe fale assim? Pelo funcionamento das formações imaginárias presentes em Crente assembleiana 1 e Crente assembleiana 2, percebemos que o lugar atribuído à universidade traz sentidos e saberes que permitem às mulheres religiosas entrevistadas tecerem críticas e manterem-se numa postura de cuidados preventivos com esse lugar no qual a universidade é posicionada por elas, conforme vemos nos recortes: [...] “A universidade é um lugar que tenta negar muitas coisas da Bíblia”, “Eu sei que se a gente não tiver cuidado, a universidade mata a fé do crente pelo conhecimento, viu?”, “Eu discordo de coisas da universidade, pois a universidade é um lugar que tenta negar muitas coisas da Bíblia”, “Na universidade, a tentação é muito grande, viu?”, “É um lugar onde tudo pode, então temos que ter cuidado para não pecar”, “Tem que ter cuidado com o



conhecimento na universidade”, “A letra na universidade pode matar a vida espiritual do crente”. Logo, conceber a universidade, assim, permite descrédito na crença religiosa.

É interessante observar que existe um silenciamento de formações imaginárias presentes na formação discursiva de aluna, de graduanda em Pedagogia, sobrepondo-se formações imaginárias que se adequam à posição-sujeito de mulher religiosa, que concebe a universidade como um local que pode matar a sua fé em Deus, pois nega a Bíblia, o principal livro de fé e prática dos evangélicos. É desse modo que vemos o funcionamento das formações imaginárias através das projeções da universidade como um lugar que requer cuidados ao evangélico, pois a universidade mata a fé do crente, além de ser vista como um local onde tudo pode, dessa maneira, favorecendo à tentação. É importante analisarmos que o único momento no qual a universidade é mostrada adjetivada como boa, ocorre imediatamente uma reação contrária mostrada pelo uso da conjunção adversativa “mas”: “A universidade é boa, pois ensina uma profissão, mas o conhecimento na universidade pode afastar o crente dos caminhos de Deus”. Aqui, vemos o que parece ser uma disputa de relações imaginárias advindo de outros lugares, de outras posições, elementos ideológicos. Em virtude disso, podemos entender que dizer que a universidade é boa e ensina uma profissão é da ordem do conhecimento científico, do academicismo, mas a mudança de sentidos que se insere, é da ordem espiritual, do campo da fé, ao enunciar que o conhecimento científico proposto na universidade pode afastar o crente dos caminhos de Deus, isto é, pode promover uma mudança de formação discursiva, favorecendo a inscrição do crente assembleiano noutra posição-sujeito, vista pelos crentes assembleianos como pecado, como saberes e sentidos não autorizados por Deus, promovendo o que Orlandi (2009) cognominou de assimetria entre os dois planos.

Analisando também [B] para [B]): Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B - Quem sou eu para que ele me fale assim? Vemos como se mostram as formações imaginárias sobre os professores que fazem falar a voz da universidade: “Eu preciso ser diferente na universidade para mostrar Jesus aos professores ateus. Tem umas Jezabel e uns Nabucodonosor”, “Os professores são incrédulos, “Um monte de terra seca que debocham de Deus”. Aqui, é possível observarmos que Crente assembleiana 1 afirma que ela precisa ser diferente na universidade, quer dizer, precisa se colocar noutra posição de diferença para pregar sobre Jesus aos professores ateus. Logo, não deve se posicionar apenas como uma aluna que vai estudar na universidade.

Sendo assim, observemos que não se questiona sobre os conteúdos das aulas dos professores nem sobre aspectos metodológicos delas, ou relação ensino e

aprendizagem, o que seria propício a partir da posição-sujeito de alunas graduandas em Pedagogia. Mas o que se questiona, tanto por Crente assembleiana 1, quanto por Crente assembleiana 2, vem da ordem do espiritual, da posição de mulher religiosa na universidade. Desse modo, os sentidos que circulam sobre os professores são de serem um monte de terra seca (não produzem coisas boas pra Deus), incrédulos (não identificado à formação discursiva cristã das entrevistadas), umas Jezabel (considerada a mulher mais vaidosa da Bíblia) e uns Nabucodonosor (o rei que representa, na Bíblia, a grande vaidade humana, o *alter ego* do ser humano)<sup>6</sup>. Então, quem sou eu? Uma crente assembleiana serve de Deus, para que ele (um incrédulo, uma terra seca, uma Jezabel, um Nabucodonosor) me fale assim? Logo, as formações imaginárias que se presentificam não são de aluna para professor nem de professor para aluna, mas sim, de crente assembleiana para professor/universidade e de professor/universidade para crente assembleiana.

Por fim, analisando [B] para [A]: Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B - Quem é ele para que me fale assim? Vemos que a partir da posição-sujeito de mulher religiosa na universidade, tanto Crente assembleiana 1, quanto Crente assembleiana 2 se mostram desacreditadas da autoridade da universidade e dos professores dela para lhe falarem quando os sentidos e saberes não forem autorizados na formação discursiva de mulher religiosa assembleiana. E é desse modo que lemos: “Eu discordo de coisas da universidade, pois a universidade é um lugar que tenta negar muitas coisas da Bíblia”. Logo, a discordância não se mostra por questões acadêmicas, mas da ordem da religião, pois até a própria constituição da universidade nos é mostrada nas entrevistas como nascida do plano divino, como nos diz Crente assembleiana 2: “A universidade só existe, porque Deus deu sabedoria aos homens para criá-la”.

## Considerações finais

Nosso trabalho se circunscreveu ao aparato teórico-metodológico da Análise Materialista do Discurso de vertente pecheuxtiana, iniciada na década de 60, na França, por Michel Pêcheux (1990) e reterritorializada no Brasil, por Orlandi e demais estudiosos. O ponto nodal desta pesquisa foi o de percorrer o movimento dos sentidos em discursivizações que nos permitiram mostrar, na exterioridade constitutiva pela historicidade, como funcionam as formações imaginárias em duas alunas do curso de graduação em pedagogia, a partir da posição-sujeito de mulher religiosa na universidade. Para isso, elaboramos um roteiro de entrevista com questões sobre as práticas sociais religiosas e acadêmicas das alunas, que nos

---

<sup>6</sup> Esta é a compreensão que circula entre os crentes assembleianos.

permitiram analisar as seguintes questões: i) como a memória discursiva(interdiscurso) funciona no discurso dessas graduandas entrevistadas? ii) como se apresentam as formações imaginárias acerca da Ciência/Universidade e da Religião no discurso desses sujeitos entrevistados?

Nesse sentido, ao analisarmos os recortes discursivos observamos que a memória discursiva funcionou na articulação entre o linguístico e as condições sócio-históricas, principalmente nas relações estabelecidas entre as formações discursivas de personagens bíblicos e a posição-sujeito das entrevistadas ao enunciarem da formação discursiva de mulher religiosa na universidade. Assim, vimos que os processos de produção, circulação e interpretação dos sentidos dependem da relação mantida entre o já-dito e o não-dito. Desse modo, na memória do dizer, pudemos analisar que, como alunas cindidas, entre o discurso institucional da igreja e da universidade, descentradas de sua posição de controle, entre ser alunas e/ou evangélicas tocadas pelo inconsciente. Junto a isso, observamos nos recortes dos enunciados que alguma coisa fala antes noutro lugar independente e diferentemente, como noz diz Pêcheux, no caso, o discurso já-dito pelos seus pais, pelo povo da comunidade, pela igreja, pela Bíblia – Deus – Jesus, acerca do que é ser um crente assembleiano, do que é a universidade e de professores que nela lecionam.

Ao analisarmos os processos discursivos também identificamos, nos confrontos ideológicos, que o sujeito sofre o embate de variadas formações imaginárias que, assim como nas formações discursivas, propostas por Pêcheux, também se mostram porosas, atravessadas por outras formações imaginárias. Nesse sentido, percebemos que há uma sobreposição de dadas formações imaginárias em relação a outras. No caso desta pesquisa, as formações imaginárias compreendidas a partir da inscrição na formação discursiva assembleiana, na posição-sujeito de mulher religiosa na universidade, favoreceram o silenciamento ou a sobreposição das formações imaginárias de alunas, graduandas, no que concerne à visão que se tem da universidade, de professores que lecionam nela e do conhecimento científico. Sendo assim, é possível afirmarmos que formações imaginárias se sobrepõem a outras, silenciando-as ou modificando-as em partes. Nesse viés, a relação entre língua e história faz com que os dizeres sejam demarcados por uma ordem discursiva que estabelece os limites do discurso. É por meio do discurso, lugar de enfrentamento teórico, que sujeitos e sentidos se constituem, assim, como compreende Orlandi (2001), assim como vimos funcionar sobre *Ciência/Universidade, Professores, Aluna e Religião*, por exemplo, “Tem que ter cuidado com o conhecimento na universidade”, “[...] A universidade é um lugar que tenta negar muitas coisas da Bíblia”, “Os

professores são incrédulos”, “Sou aluna da universidade, mas em primeiro lugar sou serva de Deus”, “E foi na Assembleia de Deus que eu aprendi a usar a minha fé”.

## 5. Referências

ALENCAR, Gedeon. **Assembleia de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)**. São Paulo: Arte Editorial, 2010.

BRANDÃO, Helena H. Negamine. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas - SP: Editora Unicamp, 2004.

CORREA, Marina. **Assembleia de Deus: ministérios, carisma e exercício de poder**. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

FAJARDO, Maxwell. **Onde a luta se travar: uma história das Assembleias de Deus no Brasil**. Curitiba: Editora Prismas, 2017.

INDURSKY, Freda. **Da interpelação à falha no ritual: a trajetória teórica da noção de formação discursiva**. In: BARONAS, R. L. (Org.). **Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2007, p. 75-88.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2009

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Pontes, 2009 a.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Palavra, fé, poder**. Campinas: Pontes, 1987.

ORLANDI, Eni. Puccinelli **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas - SP: Editora da UNICAMP, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação: Autoria, leitura e efeitos Interpretação: Autoria, leitura e efeitos do trabalho do trabalho simbólico**. Campinas: Pontes, simbólico 2004.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Eu, tu, ele: discurso e real da história**. Campinas – SP, Pontes editores, 2017.

PÊCHEUX, Michel. (1969). In: GADET & Hack. **Por uma análise automática do discurso**. Campinas - SP: Editora da Unicamp, 1990.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas - SP: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, Michel. **Papel da memória**. In: ACHARD, P. et AL. (Org.). *Papel da memória*. Tradução e introdução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999, p. 49-57.

SILVA, Dalexon Sérgio da. **A heterogeneidade, as formações discursivas e os efeitos metafóricos no discurso religioso de membros da Assembleia de Deus**. Recife: UNICAP. 2012. Dissertação de mestrado.

SILVA, Dalexon Sérgio da. **“Nasceste da divisão e ela te divide mais”**: análise do discurso religioso de membros de ramificações da Assembleia de Deus no Brasil e em Portugal. Recife: UNICAP. 2019. Tese de doutorado.



# Discourse, science and religion: trainings imaginary based on the subject position of a woman religious at university Semidiplomatic edition of the interrogation of a man

---

## ABSTRACT:

Our work results from the postdoctoral research of the first author of this article, under the supervision of the co-author of this work. We promote an analysis of the discourse mobilized by two students of the undergraduate course in Pedagogy, evangelicals of the Assembly of God Church, to show the functioning of imaginary formations on Science/University and Religion. Thus, through Materialist Discourse Analysis, we revisited the studies of Pêcheux, in France, Orlandi, in Brazil and other scholars, aiming to analyze how, from the imaginary formations of religious women, the interviewed undergraduates allow us to observe, as a result, that, as in the discursive formations, proposed by Pêcheux, the imaginary formations are also porous, crossed by other imaginary formations.

---

## KEYWORDS:

Imaginary formations;  
Religious speech;  
Subject-position;  
Speech.